

EDITORIAL

ENTRE SUPER-HUMANOS E SUPEROBJETOS:
ALGUNS APONTAMENTOS ESPECULATIVOS
PARA O CAMPO DA VISUALIDADE NA
EDUCAÇÃO DE SURDOS

Between superhumans and superobjects: some speculative notes for the
field of visibility in deaf education

ORGANIZADORES

CRISTIANE CORREIA TAVEIRA E LUIZ ALEXANDRE DA SILVA ROSADO¹

[...] como sabemos, na verdade, que esses grandes escritores (inclusive, o das sagradas escrituras) não teriam preferido filmar ou gravar seus textos?²

Vilém Flusser propõe uma filosofia especulativa, uma filosofia que sugere exercitar o pensamento sobre possíveis realidades criadas por meio de obras ficcionais.³ É a prática de se conceber possibilidades outras que não sejam aquelas com as quais já nos familiarizamos. Podemos, assim, realizar exercícios criativos

¹ Doutores em Educação pela PUC-Rio, professores no Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, integrantes do Programa de Pós-graduação em Educação Bilíngue (PPGEB-INES).

² FLUSSER, V. A escrita: há futuro para a escrita? São Paulo: Annablume, (2010 [1987]). p. 14.

³ Ver a ficção filosófica e especulativa: FLUSSER, V.; BEC, Ls. Vampyreuteuthis infernalis. Prefácio de Gustavo Bernardo. São Paulo: Annablume, 2011.

que nos levam a projeções tanto para o passado quanto para o futuro, tencionando experiências que nos são habituais, geradas pelo que vemos e vivemos até aqui, revirando aquilo que nos é confortável através de provocadores incômodos.

Ao ler os artigos submetidos para esta edição, compilada a partir de uma chamada pública com a temática visualidade, passamos a, brevemente, olhar o que já existe no cenário tradicional de nossas pesquisas acadêmicas. A este olhar decidimos adicionar o já conhecido estranhamento tão difundido pelos antropólogos (e filósofos especulativos), nos exigindo uma reflexão teórica e, por que não, também especulativa que pudesse nos oportunizar experiências outras.

Pensando nessa postura especulativa e “estranha”, mas sem abrir mão de adequados cotejos com a literatura já conhecida na área, nos atentamos às pesquisas que abarcam conceitualmente o tema, deixando neste editorial algumas novas propostas de ampliação a partir do que recebemos em nossa chamada sobre visualidade.

Neste momento, iremos propor algumas chaves de leitura que consideramos presentes em parte dos doze artigos submetidos e aceitos, distribuídos nesta edição entre *reflexões teórico-conceituais e práticas* pedagógicas. Esse exercício nos levou a chamar a atenção dos leitores sobre variados ângulos dos achados apresentados por aqueles que nos submeteram seus textos, assim como um trabalho internacional clássico trazido nesta edição, em conjunto com o dossiê, trabalho este especialmente importante para a área dos estudos da imagem e ora aqui apresentado pela primeira vez em Língua Portuguesa sob o título “O Que é Uma Imagem?”.

Nos tópicos a seguir, solicitamos uma reflexão a respeito dessas chaves de leitura, inspirados no modo ficcional flusseriano com que trilhamos o campo da visualidade e da surdez, nos permitindo percorrer e pensar novas maneiras de agir sobre a realidade. Não é totalmente seguro agirmos concentrados nesses vetores, mas se temos consciência de que são um exercício, entre outros possíveis de compreensão da realidade, podemos contar inicialmente com uma ideia dual opositiva: de um lado imaginamos a presença de um *super-humano*, dotado de sentidos visuais em plena expansão; e no outro polo encontram-se diversos superobjetos, com suas técnicas de fabricação e uso que mediarão possíveis (ou inevitáveis) conflitos, resolvendo problemas de origens e naturezas diversas.

O *super-humano* que detecta o mundo a partir da visão, quando age com seus modos de ver e se comunicar neste mundo, passa a se chamar “povo do

olho” (*the people of the eye*). Vamos imergir em sua força e contradição para que esse campo teórico se fortaleça e se embeba de novas formas teórico-práticas, em busca de saídas para seus principais dilemas no campo da educação e, mais concretamente, da educação de surdos. A seguir, então, os tópicos anotados durante nossa imersão, os quais o leitor terá a liberdade de identificar nos artigos que compõem o dossiê desta revista.

O corpo dá o tom

A superpotência do olho (visão) e da performance (corpo) em Língua de Sinais pode gerar a ideia de desenvolvimento de um super-humano, “naturalmente” sendo uma construção sociocultural, mas que também pode levar a uma ideia de enaltecimento da biologia humana diversa. Haveria, então, uma condição diferenciada entre os surdos povo do olho ocasionada pelas experiências visuais na ausência de uso da audição? Tangencialmente emerge, de maneira tímida, o estudo do que chamamos de gramaticalidade visual calcada em proposições das artes,⁴ o que reforçaria o viés cultural alavancado pelo enfoque linguístico dessa gramaticalidade.

Na maior parte das vezes, a estrutura gramatical é aplicada nos estudos da corporeidade surda pela observância do princípio do mimetismo de objetos que, por meio de performance corporal, ajudaria a entender o alcance de determinados vídeos. Não necessariamente a análise da estrutura de uma gramaticalidade visual é estendida para outros elementos de composição dos vídeos desenvolvidos dentro ou fora da comunidade surda. Reconhece-se que algumas dessas produções são muito ou pouco acessadas, mas não se demonstra as camadas de decisão sobre quem as produziu, as formas de veiculação ou como se deu o consumo na/pela comunidade surda.

A arte, o design, a didática e as performances criadas pelo “povo do olho” são descritas nos trabalhos de pesquisa sobre a visualidade surda. Parece que mesclar a técnica adquirida por outros grupos humanos (ouvintes, por exemplo) com novos achados de pesquisa descritivos dos usos que os surdos fazem desses mesmos objetos ainda é uma exceção que poderia tornar-se regra.

⁴ Sobre esta gramaticalidade visual, ver ROSADO, L. A. S.; TAVEIRA, C. C. Proposta de uma gramática visual para descrição e análise composicional de vídeos digitais em línguas de sinais. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 25, n. 3, p. 355-372, jul./set. 2019.

Gênero multimodal⁵

O trabalho com novas tecnologias aponta um caminho promissor para a educação de surdos, de modo que muitos profissionais já têm incorporado em suas práticas perspectivas de trabalho com base em experimentação com esses objetos híbridos, o que denominamos gênero multimodal e/ou *multimodalidade das tecnologias*.

O aspecto multimodal de representação do conhecimento se daria devido às misturas de matrizes de linguagem (sonora, visual e verbal) nos objetos disponíveis na atualidade, seja pelo uso da hipermídia na internet ou por vídeos digitais em que imagem, som e texto se mesclam.

Estaríamos diante de um encaixe quase perfeito da multimodalidade das novas tecnologias com a multissensorialidade humana. As tecnologias privilegiariam a ampliação das potencialidades sensoriais do surdo (promovendo o *super-humano*) e poderiam demonstrar maior coerência com o modo de percepção e compreensão de mundo de alguns grupos humanos que pensam mais imageticamente. Mas isso se daria caso houvesse, de fato, essa experiência visual aguçada em alguns organismos mais do que em outros. Abarcar o gênero multimodal na educação de surdos significaria elevar o estatuto do visual ao considerá-lo imprescindível no processo de ensino e aprendizagem.

Ainda persiste a indefinição sobre quais recursos, serviços e procedimentos didáticos a multimodalidade abrangeria, tendo em vista uma realidade educacional com diferentes níveis linguísticos. Objetos tecnológicos tanto quanto extraordinários (os *superobjetos*), que não dependessem da situação sensorial do discente (seu contexto), dada a superpotência desses materiais/artefatos, são desenhados em alguns estudos na atualidade.

Percepções viso-gestuais-táteis

Ainda sobre a percepção visual – ou podemos dizer viso-gestual-tátil – seria esta modalidade de captação da realidade a nossa volta algo fundamental para a apropriação de conhecimentos tanto por surdos quanto por surdocegos.

⁵ Sobre o tema, indicamos: KRESS, G. *Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication*. London, UK: Routledge, 2010. KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: The grammar of visual design*. London, UK: Routledge, 1996.

É constante nos achados sobre o desenvolvimento humano dizer-se que as sensações não estão restritas à utilização de um único sentido, sendo que todos ou variados sentidos estariam presentes e mobilizados no momento da percepção. Dessa maneira, a avaliação e o uso de tudo a nossa volta, dos objetos às técnicas, estariam submetidos ao aproveitamento dos diversos canais sensoriais.

O contato com o mundo exterior, quanto mais imersos estamos em práticas que levem em consideração a multissensorialidade e seus canais de percepção, pode ser, no caso dos surdos e surdocegos, mais bem aproveitado se for mais viso-gestual-tátil possível – esse é o pressuposto. Nesse sentido, com as novas alterações da experiência humana e o longo contato com equipamentos e técnicas que potencializam os usos do olhar (novamente aqui os *super-objetos*), um corpo fenomenal modificado pelas novas maneiras de construção desses objetos (agora o *super-humano* derivado do contato com os *super-objetos*) passaria a entrar em jogo. Existem grandes expectativas educacionais alimentadas por essa relação.

Atributos visuais da língua de sinais

Narrativas em línguas de sinais têm recursos visuais e, prioritariamente, mais atributos verbais por oferecerem a possibilidade de produzir abstrações conceituais. Língua de sinais produz texto verbal de igual patamar a línguas escritas orais, desde que haja terreno para a produção de rascunhos e de registros filmicos na própria língua de sinais,⁶ ou então na(s) escrita(s) de sinais e na revisão de pensamento sobre o próprio registro do pensamento. Isso se reflete no movimento de aprimoramento das línguas de sinais, de sua gramaticalidade e imanência, criando uma memória só possível ao realizarem seus registros – o que chamamos de surdo-memória.

A língua de sinais ocupa espaço central em vídeos desenvolvidos na/pela comunidade surda (novamente os *objetos-vídeos*), que é assunto de alguns artigos deste dossiê – com ou sem a presença de janela de interpretação –, aparecendo das mais variadas formas de inserção da performance em língua de sinais. Há uma roteirização desses vídeos em que os conceitos são organizados em língua de sinais escrita ou em glossinais, sempre orientados pela modalidade viso-espacial da língua de sinais. Sem esgotarmos o que será lido nos artigos,

⁶ Ver TAVEIRA, C. C.; ROSADO, L. A. S. Monografar em Libras: buscando padrões de escrita em vídeo-registros acadêmicos. *Revista Pesquisa Qualitativa*, v. 6, n. 12, p. 498-529, dez. 2018.

obtemos dados sobre a necessidade de uma simulação da atuação artística para o uso de efeitos especiais e de pós-produção, processo em que tradutores se tornam também atores e mesclam-se com objetos inseridos por efeito da animação. O super-humano se tornaria então parte dos *superobjetos* ao interagir e ser mais um dos elementos na própria criação? A expectativa aqui desloca-se para a fusão com as tecnologias e a integração com seus produtos.

A língua de sinais (aqui vista como *objeto-língua*) demonstra, ainda, o atributo de mimetizar – ela própria – objetos, cenários e esquemas por meio da performance corporal do sinalizante; essa característica não é atributo da linguagem verbal, e sim das características visuais dessa língua. Podemos afirmar que a linguagem visual é tão sofisticada quanto a verbal, mas não corresponde ao uso da proficiência verbal pelos modelos tradicionais descritivos e, por isso, talvez não seja adequado dizer que é possível produzir conceituações apenas por meio dessas habilidades miméticas sem o uso de texto em língua de sinais – isso dentro das lógicas mais tradicionais de pesquisa. O processo de descrição imagética transformaria desenhos e informação pictórica em imagens visuais na língua de sinais que auxiliariam didaticamente o modelo de ensino-aprendizagem do/para surdos. Nesse ponto, grandes expectativas também são depositadas no *objeto-língua*.

Metáforas aquáticas

As metáforas aquáticas,⁷ oriundas de estudos da aquisição de línguas, povoam diversas áreas. Um exemplo é a ideia de interação dos surdos com os artefatos visuais (mais uma vez entram aqui os *objetos*). Quando se diz que os surdos são seres visuais ou viso-gestuais-táteis, esses, ao depararem com a apreensão de imagens, incluindo a performance corporal, estariam em seu meio preferencial, ou seja, *imersos* na visualidade.

Dessa maneira, as palavras *imersão* e *submersão* estão ligadas ao desenvolvimento da cognição do surdo e não somente às manobras de submarinos em alto-mar. Os surdos estariam imersos no mundo visual e na visualidade, sendo, portanto, embebidos em um manancial de imagens e, assim, “naturalmente” ocorreria a aprendizagem de leitura(s) como também de uso(s) desses objetos e

⁷ Recomendamos a leitura de SUTHERLAND, T. Liquid metaphors and the metaphysics of flux: ontologies of flow in an age of speed and mobility. *Theory, Culture and Society*, v. 30, n. 5, p. 3-23, 2013.

performances imagéticas. A visualidade se torna também um *superobjeto* repleto de grandes expectativas para a educação.

Parte dos achados nos faz desconfiar que a imersão no mar da visualidade e de suas experiências visuais não é garantia de entendimento dessas imagens ou visualidade(s) – muito menos constituiriam pessoas visualmente letradas.⁸ É preciso debater mais seriamente a respeito do papel de cada uma das matrizes de linguagem para compreensão de objetos imagéticos, refletindo sobre o papel da produção e do consumo de imagens mentais, cênicas, performativas, filmicas, pictóricas, digitais – uma ampliação do que seria, inclusive, o conceito de *imagem*.

Campo multimatricial

Uma lista de disciplinas que estariam implicadas na compreensão de matrizes de linguagem mais visuais seriam as Artes, a Informática e a Comunicação. Essas disciplinas liberariam o corpo, a mente, as áreas da criatividade, ao fornecerem condições de produção de sentidos e de significação que desempenhariam especial papel na compreensão de conceitos e na construção de conhecimento pelo surdo.

Diante disso, parte das apostas são direcionadas às Artes Visuais, aos aspectos de cultura artística e visual da comunidade surda, bem como às Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), que comporiam um campo multimatricial capaz de beneficiar especialmente a educação de surdos. Novamente aqui vemos uma forte confiança nos *superobjetos*.

Para muitos estudiosos emergiria assim um “novo campo”, havendo lampejos sobre o reposicionamento da questão da visualidade, de modo a centralizá-la criticamente. Porém ainda faz falta uma defesa mais contundente sobre a promissora área da Mídia-Educação,⁹ principalmente sob o aspecto almejado de saber-fazer para melhor se posicionar criticamente. Chamamos atenção sobre a escassez de trabalhos que se revertam em cursos práticos para que discentes surdos se envolvam com as linguagens detectadas como cruciais: informática,

⁸ Dondis já sinalizava que ninguém nasce visualmente letrado, é preciso haver um processo guiado de aprendizagem. Ver DONDIS, D. A. *Sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

⁹ Uma introdução em Língua Portuguesa sobre o tema pode ser estudada em FANTIN, M. *Mídia-educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália*. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

cinema, televisão, performances em teatro e poesia. A crença no potencial dos *superobjetos*, descrevendo iniciativas *com* e *sobre* eles, se afasta da produção cotidiana *através* desses mesmos objetos.

Pedagogia visual

Pode-se inferir que o debate sobre experiência visual tencione a área da educação para a necessidade de uma enxurrada, muito bem-vinda, de estudos teórico-metodológicos os mais variados, como os que compõem as submissões dessa edição. Nesta amostra podemos mapear a importância recente da criação de categorias de análise para o estudo da composição de vídeos, animações, desenhos em tirinhas, charges e histórias em quadrinhos. E ainda os estudos de tradução e organização de glosas, roteirização de filmagem, edição de vídeo com planejamento para a inserção de imagens e efeitos, parâmetros visuais para vídeos, descrição imagética para a língua de sinais, traduções automáticas de textos escritos de modalidade oral para sinais, entre outros. As iniciativas são inúmeras.¹⁰

A Pedagogia Visual dependeria diretamente do mapeamento dessas práticas e de experiências com o uso dessas variadas linguagens e objetos. A utilização de recursos (*objetos*) e estratégias visuais (*metodologias*) para o ensino e a produção de artefatos pelos próprios educandos – não restrita somente a uma oferta técnica denominada acessibilidade –, forneceria condições de construção de conhecimento pelo surdo.

Pleiteia-se nos artigos que compõem este dossiê uma pedagogia que atenda às necessidades visuais dos alunos surdos com metodologias visuais, com a organização ou a criação de uma ambiência visual, contendo disciplinas ofertadas de maneira visual. Não seria o mesmo que produção de aulas adaptadas e acessíveis, com adequações curriculares endereçadas aos surdos; no lugar disso, estaríamos amparados em uma organização viso-espacial de pensamento do surdo. A *visualidade-objeto* também recebe grandes expectativas neste caso, partindo do pressuposto de que existe uma visualidade própria do “povo do olho”.

¹⁰ Nós mesmos, em nosso grupo de pesquisa, temos desenvolvido experimentações com produções de materiais, como aquela descrita em: ROSADO, L. A. S.; SOUSA, A. M.; NEJM, V. C. B. A produção de vídeo no contexto da surdez: relato de uma experiência mídia-educativa na disciplina TICs do curso bilíngue de Pedagogia do INES. *Revista Espaço*, n. 48, p. 197-217, jul./dez. 2017.

O debate se alterna sobre o quanto uma situação de laboratório (achados da ciência, da física) ou de pesquisa acadêmica (ensino de história, artes) é condensado para se tornar um conteúdo curricular e o quanto prescinde da construção de uma Pedagogia Visual ou Surda na qualidade de filosofia de ensino, que apresente a surdez como uma experiência visual, cultural e de aquisição de língua, o que solucionaria equívocos de abordagem didática e pedagógica.

As exemplificações por vezes carecem de demonstrações práticas e revisão de literatura sobre o “*como fazer*” – ou respondendo à questão “de que modo empírico se chegou a uma parte das recomendações trazidas à baila?” –, decidindo-se por impregnar parte do cotidiano com imagens através das línguas (de sinais e escrita oral) e materiais linguísticos visuais.

Em outro extremo diz-se que um livro, um vídeo, uma videoaula não substituiria um mediador surdo hábil em sua língua (de sinais), retornando-se à oposição *superobjeto* que agora seria um *não objeto* face ao *super-humano*. Quem sabe tenhamos de vivenciar tais extremos para assim verificar que caímos na antiga armadilha de decidir entre o mundo das coisas (dos objetos, dos materiais didáticos) ou das *pessoas*. Ou então apenas tenha sido uma decisão teórico-metodológica não expressada com a devida clareza. Talvez tenhamos de deixar essa decisão mais clara aos leitores: dos limites de nossa abordagem teórica. Isso não nos diminui como pesquisadores da área.

Ambiente multicultural

Os trabalhos acadêmicos têm apontado para um contexto de experiência surda que é bicultural, multicultural, e a metodologia de ensino é bilíngue. A importância do meio escolar ou da ambiência bilíngue em museus e outros serviços direcionados aos surdos é descrita com riqueza em materiais empíricos, e as iniciativas de disponibilização de língua(s) tendem a ser entendidas como não sendo o único fator preponderante para o sucesso da experiência-alvo da pesquisa. Há cuidados anteriores, como propiciar a *alma* desses ambientes, o que depreende conhecimento da história dos sujeitos que são recebidos e/ou atendidos e a proximidade dos pesquisadores com as práticas sociais, a maturação do campo de estudo etc.

Quando o preparo dos artefatos não é pensado de outros modos, ensinado e mapeado empiricamente, por médio a longo período de tempo, reproduz-se as reclamações dos usuários, sem conseguir enxergar os obstáculos

enfrentados; é combatido o mero formalismo prescritivo que vem com a apresentação de catálogos com materiais pouco específicos e pouco experimentados por/para surdos, encontrado na totalidade dos artigos endereçados a este dossiê. Sabemos, então, que os *super-objetos* também são questionados em suas fragilidades evidentes.

Estudos culturais

Associar as línguas de sinais ao pensamento imagético é algo limitado, pois carecemos de detalhamento de categorias sobre a visualidade, a imagem e as matrizes de linguagem e suas misturas¹¹ para delimitarmos as características de percursos – e modos de pensar – de surdos em diferentes níveis de aquisição de língua. A produção de uma imagem mental se dá por um universo de formas visuais, verbais e sonoras ou rítmicas que o pensamento vai elencando, o que denota a enormidade de signos aos quais somos expostos e a bagagem contextual que carregamos. Imagens mentais são multimodais?

A *fotografia de um prato* é diferente de um *desenho de um prato*, de *degustar um prato* e *nomear os ingredientes de um prato* em língua de sinais. Além disso, há conexões que deslizamos e percorremos de um signo ao outro, de acordo com a arquitetura cultural com a qual convivemos. Os aromas, os hábitos e as lembranças podem revelar diversos caminhos de codificar e decodificar um objeto por determinado grupo social. Já que os Estudos Culturais nos revelaram a necessidade teórico-prática de respeito à visualidade como um traço constitutivo do surdo e de sua comunidade, um adicional trazido por grande parte dos intelectuais da área demonstra que a(s) cultura(s) exerceria(m) grande força na seleção visual do surdo. Logo, os *super-humanos* estão *imersos* em contextos repletos de variados *superobjetos* com os quais interagem e fazem sua cultura acontecer, indicando uma interdependência já não tão opositiva quanto se pensava inicialmente. Logo, extrai-se o “super”, e a relação se torna equivalência: humanos e objetos.

Vários artefatos inventados na atualidade apresentam atributos visuais, e sabemos que a maior parte desses objetos se constitui de misturas de diversas matrizes de linguagem, de ritmo/som, da visualidade e de texto – seja em língua

¹¹ Sobre o conceito de matrizes de linguagem ver SANTAELLA, L. Matrizes da linguagem e pensamento: sonora visual verbal: aplicações na hiperâmida. São Paulo: Iluminuras; FAPESP, 2005.

de sinais ou escrita – e que dependem diretamente dos grupos sociais com os quais interagimos. Cultura(s) surda(s) passa a ser encarada como visual, unanimemente, mas a seus artefatos demandamos uma análise fora do constructo “natureza” e partimos para a compreensão de camadas históricas, de origens, artificializações e/ou imposições de diversos matizes. O *super*, se não eliminado de uma só vez, ao menos vai progressivamente se tornando *inter* e *multi*.

Os Estudos Culturais permanecem balizando a necessidade de negociação de significados e de práticas. O trabalho com objetos ou signos visuais precisaria, de antemão, considerar cultura como elemento mediador do processo de compreensão das representações, ou seja, dos caminhos de produção, consumo, circulação e crítica desses próprios artefatos visuais pela comunidade surda e seus pesquisadores.

Letramentos e multiletramentos

Contextos e práticas, por que temos tanta dificuldade de nos aproximarmos deles? Afinal, sabemos que letramento não é somente o uso da escrita, mas no fundo, para alguns, ainda a ideia de letramento é calcada em leitores que acessam língua e texto em sua forma verbal. O letramento como acessibilidade linguística (*superobjetos* acessíveis que promoveriam a *superlíngua*) é preponderante em detrimento do que seria essencial a este dossiê: o *letramento visual*, com uma descrição de categorias próprias à feitura de vídeos, aos materiais cinematográficos, à iconografia e às performances poéticas de corpos surdos. Faltou-nos coragem de irmos mais a fundo e teorizarmos mais enfaticamente sobre o tema. Era tão necessário marcar o lugar da língua se definimos de modo tímido os marcadores que potencializam a defesa de uma visualidade surda?

Claro que não teremos uma atitude pessimista quanto ao campo de pesquisa, já que compreendemos que as notações, os registros e os repositórios para vídeos em língua de sinais têm poucas décadas de existência (a surdo-memória) e a escrita das línguas orais têm milênios de registros e práticas (a memória ouvinte). As impressões de livros já datam de algumas centenas de anos. Mas duas a três décadas ainda é muito pouco para adensarmos a literatura tão específica na área da Pedagogia Visual de surdos. No entanto, o debate sobre imagem, letramento visual e sintaxe da linguagem visual estão sólidos há algum tempo em

outros campos de pesquisa, sendo que teremos um árduo caminho para levá-los ao conhecimento de nossa área da educação de surdos. Este dossiê inicia esse esforço conjunto.

Datada em outro tempo, a ideia de pureza do pensamento verbal já não nos serve mais. O conceito de letramento(s) não está só ligado à palavra e ao verbo, mas também ao chamado *alfabetismo visual*, que geraria um leitor de imagens mais refinado e abriria a possibilidade de que este leitor mais visual se posicionasse criticamente sem ocupar meramente a posição de consumidor de mídias. A ideia de que formar conceitos somente é possível por meio do pensamento verbal tem as suas correntes teórico-filosóficas que não necessariamente coadunam com a maior parte dos estudos aqui trazidos. Os artigos demonstram que linguagens não são mais ou menos puras que outras e que dificilmente teremos contato com objetos em que o verbo esteja em seu estado puro. O pensamento parece ser plausível fora do campo verbal ou pretensamente dotado de pureza verbal. Por isso, abrimos com o pensamento em perspectiva para os antigos, questionando: “Como sabemos, na verdade, que esses grandes escritores (inclusive, o das sagradas escrituras) não teriam preferido filmar ou gravar seus textos?”.



Para nos inquietarmos positivamente com o campo, o dossiê *Visualidade*, obtido por chamada pública, contou com o envio de artigos por universidades públicas de diversos pontos do Brasil, instituições com elaborações teórico-práticas e continuamente questionadas quanto à qualidade e à pertinência do seu fazer científico, as quais tiveram sua produção organizada em duas seções da revista: Na seção Dossiê, os artigos considerados predominantemente teóricos ou conceituais, mesmo que versando, em alguns momentos, sobre aplicações práticas de espectro mais amplo e compatíveis com programas e projetos de média e longa duração; e na seção Material Técnico e Pedagógico aqueles que auxiliarão o campo com um olhar mais específico sobre as práticas em sala de aula.

Começaremos apresentando uma encomenda de tradução, o artigo “O que é uma imagem?”, de William J. T. Mitchell, professor da Universidade de Chicago, originalmente publicado em 1984, e posteriormente revisto para o livro *Iconology: Image, Text, Ideology*, publicado em 1986. O trabalho de Mitchell

foi gentilmente traduzido pelo Prof. Dr. Alexandre Rosado (DESU-INES), e generosamente autorizada a sua publicação pelo próprio autor, a quem agradecemos. É uma produção importantíssima para o campo de estudos da imagem e que não tinha, até hoje, uma tradução para o português.

Na sequência, os artigos submetidos à chamada na seção Dossiê:

1. “O Visual na Educação de Surdos”, de Caroline Zimmermann Belaunde e Cássia Geciauskas Sofiato (USP).
2. “Recursos Visuais Para o Ensino de Matemática: Uma Discussão Sobre o MathLibras”, de Thaís Philipsen Grützmann, Tatiana Bolivar Lebedeff e Rozane da Silveira Alves (UFPel).
3. “Usos da Cultura Digital na Educação dos Surdos: A BNCC e as Práticas no Ensino de História”, de Érico Silva Muniz, Jonata Souza de Lima (UFPA).
4. “A Importância da Capacitação em Biossegurança Para Profissionais Surdos: Avaliação e Propostas”, de Gildete da S. Amorim Mendes Francisco, Ana Regina e Souza Campello, Saulo Cabral Bourguignon (UFF/DESU-INES).
5. “Física em Libras: Desenvolvimento de Proposta de Mediação Acessível Para a Casa da Descoberta”, de Erica Cristina Nogueira, Bruna Wendhausen Enne e Iara Alves Hooper Vasconcelos (UFF).
6. “Culturas em Quadrinhos: Uma Leitura Pragmática de Práticas Linguísticas Entre Surdos e Ouvintes”, de Julio Cesar Barreto Rocha, Amauri Moret da Silva e Rosiane Ribas de Souza Eler (UNIR).
7. “Educação Bilíngue e Letramento Visual: Reflexões Sobre o Ensino Para Surdos”, de Osilene Maria de Sá e Silva da Cruz e Rosana Prado (DESU-INES).

Posteriormente, os artigos direcionados à seção Material Técnico e Pedagógico:

1. “Experiências de Alunos Com Surdocegueira na Sala de Estimulação Sensorial”, de Heniane Passos Aleixo e Thaís Philipsen Grützmann (Alfredo Dub/UFPel).
2. “Atividade Orientadora Integrando Vídeos: O Ensino dos Sistemas de Numeração em Libras”, de Anderson Alves de Queiroz e Jurema Lindote Botelho Peixoto (UESC).

3. “Desenvolvimento Linguístico de Crianças Surdas: Utilização do YouTube como Ferramenta – Um Estudo de Caso”, de Karla Alexandra Benites Florenciano e Rita de Cássia A. Pacheco Limberti (UFGD/UEMS).

Na seção Produções Acadêmicas destacamos o resumo da tese *Aspectos da visualidade na educação de surdos*, da Prof. Ana Regina e Souza Campello, defendida em 2008 e que é a referência nos últimos anos para nossos estudos em visualidade na Educação de Surdos. Essa tese foi apresentada ao Programa de Pós-graduação de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) sob a orientação da Prof. Dra. Ronice Müller de Quadros.

Na seção Demanda Contínua realizamos outra encomenda na temática da visualidade de modo a termos mais uma oportunidade de leitura de alguns conceitos a partir de pesquisadores de Artes e Comunicação. A pesquisadora convidada é Ornela Barone Zallocco, professora da Universidade Nacional de Mar del Plata e doutoranda na Universidade Nacional de Rosário, na Argentina, com experiência em Design e Comunicação Visual, nos traz um breve artigo com reflexões teórico-metodológicas sobre visualidade. A tradução para o português ficou a cargo do Prof. Dr. Tiago Ribeiro (DEBASI-INES).

Na seção Visitando Literatura Internacional, o Prof. Dr. Pedro Henrique Witches (UFES) nos apresenta o livro *The People of Eye: Deaf Ethnicity and Ancestry*, ainda sem tradução no Brasil, como uma aposta indispensável de leitura.

Na seção Arte e Cultura Surda, trouxemos a artista plástica e designer gráfica Nancy Rourke, uma dádiva humana, uma supermulher, experiente profissionalmente, consciente do poder de sua arte surda que inspira confiança e respeitabilidade mundial. Sua biografia está contada sob o título “Telas da Artista Surda Nancy Rourke: Força e Intensidade das Cores em Movimentos de Resistência, Afirmação e Libertação”. A apreciação de suas telas precisa de leitura demorada em todas as camadas: política, cultural e histórica.

Desejamos a tod@s uma boa leitura!